

# **Nossa Senhora da Conceição Aparecida, a Rainha do Brasil: uma análise da institucionalização das devoções e narrativas populares.<sup>1</sup>**

José Leandro Peters (UFV/Brasil)

**Resumo:** No presente trabalho apresento uma proposta de reflexão sobre o desenvolvimento e a afirmação do espaço religioso da cidade de Aparecida/SP no contexto de transição entre os séculos XIX e XX. Na História da Igreja Católica no Brasil, este período ficou marcado pelo processo de afirmação da imagem de Nossa Senhora da Conceição Aparecida como Rainha do Brasil, movimento que se concretizou com o júbilo de coroação da imagem da Virgem no ano de 1904. Neste interim, a elite eclesiástica brasileira se esforçava para dar continuidade ao processo de reforma institucional iniciado em meados do século XIX e que tinha como objetivo a moralização das práticas religiosas e a ruptura com manifestações externalizadas de devoções (beijamento de fitas; folguetórios; teatralização). A Reforma Ultramontana objetivava a valorização de uma fé mais internalizada, com base em um comprometimento sacramental dos fiéis. Do ponto de vista político, o Brasil vivia a transição do Império para a República; a afirmação do Estado laico e os primeiros anos do trabalho livre, pós abolição da escravidão. Destaca-se que o contexto político conduziu a Igreja a adotar um posicionamento em defesa e afirmação da instituição no cenário político nacional. A realidade descortinada aponta para a afirmação de um espaço religioso que dialoga diretamente com as memórias e devoções populares, destacando as narrativas devocionais e distanciando-se do rigorismo reformista da Igreja ultramontana. Tal movimento tem início com o esforço da Igreja em coletar, registrar e filtrar as narrativas de milagres relacionadas à Virgem e reapresentá-las à sociedade sob a ótica institucional, o que foi feito por meio de narrativas escritas, orais e imagéticas. É justamente este movimento que pretendo analisar no trabalho apresentado. O farei por meio de um estudo dos livros de registros da Paróquia de Santo Antônio de Guaratinguetá e da preparação da Basílica Histórica de Aparecida para a coroação da imagem da Virgem em 1904. Como base teórica da pesquisa utilizo os conceitos de memória de Paul Ricœur (2007) e os apontamentos sobre a História Cultural das Religiões propostos por Nicola Gasbarro (2013).

**Palavras-chave:** Nossa Senhora Aparecida; Memória; Institucionalização.

## **Introdução:**

Desde a minha infância, eu convivi cotidianamente com imagens de Nossa Senhora da Conceição Aparecida e com as narrativas milagreiras relacionadas à Virgem. Eu cresci em uma família tradicionalmente católica e devota à Nossa Senhora. Minha

---

<sup>1</sup> Trabalho apresentado na 33ª Reunião Brasileira de Antropologia, realizada entre os dias 28 de agosto a 03 de setembro de 2022.

família sempre esteve ligada à Igreja do bairro e, em alguns momentos, esteve entre os atores responsáveis por organizar cerimônias e festejos em homenagem à Virgem. Nestas festas religiosas as narrativas dos milagres atribuídos à Nossa Senhora Aparecida sempre estiveram presentes. Histórias relacionadas às promessas feitas e aos pedidos atendidos; as carreatas, procissões e coroações também não faltavam nestes momentos.

Até o início da minha graduação em História, poucas ações e situações deste cotidiano foram questionadas por mim ou observadas como um possível objeto de pesquisa. Vivi um período de afastamento do campo religioso, embasado por uma leitura das religiões como estrutura de dominação das massas. A ação que promovia era questionar todos os discursos e representações como estratégias utilizadas, de modo consciente, pela elite eclesiástica para manipular o povo. Reflexões que se fizeram presentes, ainda que indiretamente, nos primeiros trabalhos que escrevi, antes mesmo do mestrado, quando me esforçava por perceber as ações da Igreja para controlar a devoção à Virgem associadas aos interesses políticos e econômicos da instituição, destacando, principalmente, o controle das doações feitas pelos devotos.

Duas leituras feitas no durante o curso deslocaram o meu olhar sobre o cotidiano religioso que presenciei desde a infância. A primeira delas foi a obra *A Guerra de Imagens* (2006) do historiador Serge Gruzinski. Pelas páginas do capítulo *os efeitos admiráveis da imagem barroca*, fui descortinando, sob a ótica de Gruzinski, o processo de construção das memórias e das devoções à Virgem de Guadalupe no México. Enquanto lia sobre o caso mexicano, eu pensava sobre a Virgem de Aparecida no Brasil. Em sua obra, Gruzinski destaca os esforços colonizadores para a dominação dos ameríndios, entre os quais estava o uso de imagens e devoções. A leitura preliminar desta obra permitiu-me a aproximação com o meu objeto de pesquisa e, também, agradou o meu olhar pois foi ao encontro das leituras que, em princípio, eu fazia do campo religioso.

Ao aprofundar-me nos estudos da obra de Gruzinski, conheci e iniciei um diálogo com o conceito de mestiçagem proposto pelo historiador. Por mestiçagem compreende-se o resultado da interação entre a ortodoxia (o discurso proposto pela instituição) e as apropriações e representações religiosas cotidianas, considerando aspectos de ambos os lados em um processo de diálogo e contaminação mútua. O campo religioso ou cultural, como resultado deste processo, não é nem o padrão europeu, nem o ameríndio, mas uma nova representação. Nela é possível identificar genealogias históricas, mas não um purismo de um ou outro ator. Gruzinski destaca que estes processos ocorrem balizados

em interesses de ambos os lados e são marcados também por nuances de violências diversas.

A segunda obra que modificou o meu olhar sobre o objeto de pesquisa escolhido foi a do historiador italiano Carlo Ginzburg, principalmente as leituras de *Os Andarilhos do Bem* (1988) e *O queijo e os vermes* (2006). Ginzburg é conhecido entre os historiadores por ser um dos precursores do movimento historiográfico conhecido como micro-história, entretanto foram seus apontamentos sobre os valores culturais populares ou não hegemônicos que me despertaram outro ponto de vista possível para o campo religioso. Pude compreender que a fé, as crenças, as devoções são manifestações reais, com sentido próprio para os sujeitos envolvidos nelas. Estas reflexões permitiram-me compreender que a forma como os devotos de Nossa Senhora Aparecida vivenciavam a fé é algo que tem significado para cada sujeito envolvido no processo.

Ao aprofundar as pesquisas sobre a forma como as narrativas milagrosas foram se prendendo à imagem de Nossa Senhora Aparecida e de como o espaço físico e o campo religiosos de Aparecida no interior do estado de São Paulo foram construídos, percebi a presença de diversos atores e um processo de negociação, mesmo que não consciente, entre os devotos e a Igreja em prol da construção de um espaço destinado às manifestações de fé. Mas este espaço tinha que estar à altura da Virgem e externar toda a fé do povo brasileiro por Nossa Senhora. Neste longo processo que se inicia em 1717 e tem o seu ponto alto com a proclamação de Nossa Senhora Aparecida como Rainha e Padroeira do Brasil em 1930, identifiquei dois momentos distintos. O primeiro deles está relacionado aos esforços pela construção de um espaço sagrado de devoção, uma ação que está diretamente relacionada à fé e à devoção da população local. O segundo momento relaciona-se aos esforços da Igreja em construir e organizar o espaço religioso de Aparecida, com a construção de uma basílica e a organização do espaço urbano da cidade. Nesta fase, o principal ator é a Igreja. Considerado pelos historiadores, entre os quais me incluo, como o mais importante e definidor na devoção à Nossa Senhora Aparecida na contemporaneidade, a segunda metade do século XIX está relacionada a um esforço da elite eclesiástica brasileira em moralizar o campo religioso de Aparecida e do Brasil. Este posicionamento pode ser relacionado ao contexto do movimento ultramontano, pelo qual valorizava-se o catolicismo sacramental e uma moralização das práticas religiosas. No decorrer do século XIX, o clero ligado ao movimento ultramontano coordena a coleta e seleção de narrativas sobre a Virgem de Aparecida e a rerepresentação dessas histórias em texto oral, escrito e imagético a fim de afirmar e moralizar as práticas devocionais.

Nas páginas seguintes, faço um esforço em retomar algumas questões que foram trabalhadas na minha dissertação de mestrado, defendida em 2012 e em trabalhos publicados em anos posteriores com o objetivo de retomar o contato com o objeto de pesquisa e aprimorar algumas discussões.

### **1- Primeiro momento: ereção da capela e primeiros registros oficiais.**

A história da imagem de Nossa Senhora Aparecida tem início no ano de 1717, quando três pescadores encontraram as duas partes de uma imagem de Nossa Senhora da Conceição. Primeiro, pescaram o corpo e depois a cabeça da imagem. Tal evento ocorreu em um momento específico da história política da Vila de Guaratinguetá. Entre os dias dezessete e trinta de outubro daquele ano, a vila recebeu a visita do recém nomeado governador das províncias de São Paulo e Minas Gerais, D. Pedro de Almeida Portugal, ou, simplesmente, Conde de Assumar. Em função da prestigiada visita, os moradores da vila foram obrigados a entregar ao poder local uma grande quantidade de peixes, a fim de que fosse ofertado um grande banquete ao Conde. A época não seria propícia para a pescaria, o que despertou insegurança e receios aos pescadores. Domingos Martins Garcia, João Alves e Filipe Pedroso, os três pescadores que presenciaram o encontro da imagem, fizeram sucessivas tentativas de conseguir o banquete, todas sem sucesso. Somente depois de encontrarem a imagem é que conseguiram toda a quantidade de peixe que precisavam.

Conforme descrito no parágrafo anterior, a história da Virgem de Aparecida já se inicia como a história de um milagre, algo que foi transmitido oralmente para a população da Vila de Guaratinguetá. Conforme os estudos sobre o campo religioso brasileiro tem demonstrado nos últimos anos, a Igreja não se fazia presente no interior do país (VILLALTA, 2007). Nestes espaços as manifestações de fé eram feitas de modo muito espontâneo, em cultos privados, sem a interferência de um sacerdote. A leitura dos documentos que relatam os primeiros anos de devoção à Nossa Senhora Aparecida traz indícios da existência de uma devoção local, baseada em reuniões semanais para orações e manifestações de fé. Estas cerimônias eram comandadas por lideranças locais ou familiares. No caso específico de Nossa Senhora Aparecida, a imagem ficou guardada com a família de Filipe Pedroso, passado a posse de Silvana da Rocha na década de 1730.

As narrativas orais surgiram antes de uma exposição pública da imagem. Inicialmente, a representação da Virgem era exposta nos momentos de oração do terço na casa da família de Pedroso. Nestes momentos, provavelmente, as narrativas sobre o

milagre da pescaria e outras graças alcançadas por intermédio da Virgem eram lembradas e repassadas às pessoas mais jovens ou aos forasteiros que passavam pela região. As narrativas dos milagres atribuídos à Nossa Senhora Aparecida nos primeiros anos de devoção sugerem que nem sempre a imagem esteve exposta aos devotos. A descrição de um dos milagres deixa margens para a possibilidade de a efígie ter, por algum período, permanecido guardada em uma espécie de baú fechado. Segundo os relatos,

Em uma sexta-feira para sábado (o que sucedeu varias vezes) juntando-se algumas pessoas para cantarem o terço, estando a Senhora em poder de Silvana da Rocha, guardada em uma caixa, ou bahú velho, ouviram dentro da caixa muito estrondo (ACMA, 1757-1873, fl 99).

O trecho acima transcrito sugere restrições ao culto da Virgem nos primeiros anos de devoção. A imagem nem sempre estava exposta ao público e a reza do terço nem sempre se dava em função da imagem. Eram momentos de oração que já ocorriam antes de 1717 e continuaram a ocorrer depois da pesca milagrosa. Estes eventos religiosos não contavam com a intermediação de uma autoridade da Igreja, eram ações espontâneas da comunidade movidas pela fé dos indivíduos. É neste contexto que as narrativas dos milagres atribuídos à Nossa Senhora Aparecida foram sendo difundidas. Elas chegaram a outras regiões, atraindo a atenção de católicos de outras vilas, os quais iniciaram movimentos de peregrinação à Guaratinguetá com o objetivo de conhecer a Virgem milagrosa, ou de recorrer à uma intervenção da mesma, buscando um amparo espiritual onde a Igreja não estava efetivamente presente.

Percebe-se que a devoção à Nossa Senhora surgiu relacionada ao catolicismo devocional brasileiro, como a manifestação de fé e devoção de uma população local que estava longe dos centros de poder político e religioso. O isolamento e as dificuldades pelas quais a população do interior do estado de São Paulo viviam foram fatores que contribuíram para atrair os povoados ao redor de Guaratinguetá e contaminá-los com as narrativas dos feitos atribuídos à Virgem. Eles encontravam nela o amparo que não tinham nem do Estado e nem da Igreja. Ao mesmo tempo, estes primeiros anos de devoção, quando há pouca ou nenhuma interferência da Igreja, apontam para uma crença da população no poder milagroso da Virgem de Aparecida, algo espontâneo e verdadeiro. Aparecida acolhia, amparava, protegia e curava as feridas da população sertaneja brasileira.

A localização geográfica da Vila de Guaratinguetá também contribuiu para a afirmação e o desenvolvimento da devoção à Aparecida. A vila está situada em uma região que era ponto de passagem das tropas que circulavam entre São Paulo e Minas Gerais. A ampla circulação de pessoas pela região permitiu a expansão da devoção pelo interior das duas províncias. As narrativas que relacionavam a imagem de terracota a variados milagres circularam facilmente entre outros povoados, atraindo pessoas que rumaram para Guaratinguetá em busca de uma graça ou pela simples curiosidade, para conhecerem a imagem e a região. Os relatos sugerem que, já na primeira metade do século XVIII, algumas romarias chegavam à vila atraídas pelas narrativas sobre a Virgem de Aparecida.

O fato de estar localizada na região sudeste do país também contribuiu para o crescimento e afirmação da imagem no cenário nacional. Nossa Senhora Aparecida surgiu como uma devoção ligada ao sudeste brasileiro, ganhando destaque entre a população desta região, não era, em princípio, uma devoção que extrapolava os meandros das províncias de São Paulo, Minas Gerais e Rio de Janeiro. Somente com um esforço político da Igreja, nos séculos XIX e XX é que a devoção ganhou um caráter nacional.

Em função do crescimento da devoção à Nossa Senhora Aparecida e de sucessivas narrativas que vinculavam a imagem da Virgem Maria a graças e milagres conseguidos, a população da Vila de Guaratinguetá passou a requerer, já na década de 1730 a ereção de uma capela para que pudessem honrar a Virgem, bem como fazer as suas orações. A construção da Capela de Nossa Senhora da Conceição Aparecida aparece nos documentos como um anseio dos moradores da região e dos devotos da imagem e não como uma imposição da Igreja.<sup>2</sup> Segundo as solicitações feitas pelo vigário de Guaratinguetá, José Alves Vilella, ao bispo do Rio de Janeiro, os moradores desejavam construir uma capela para a Virgem devido ao crescente volume de romeiros que se destinavam ao povoado para rezar diante da imagem que se achava até então em local pouco decente.<sup>3</sup>

Esse projeto foi também motivado pelos sucessivos milagres concedidos pela Virgem aos brasileiros. Sendo ela tão incomparável, como narram os discursos sobre os seus prodígios, ela mereceria um altar melhor, com a devida pompa e decência. Quase que como uma promessa a cumprir, os devotos desejavam dar à imagem de Nossa Senhora uma capela decente, porque esta era uma virgem prodigiosa, promotora de

---

<sup>2</sup> ACMA. *Autos de Ereção e Benção da Capela de Nossa Senhora aparecida (1743 – 1745)*. ---- *Autos da Ereção e Aprovação do Compromisso da Irmandade de Nossa Senhora Aparecida (1752 – 1756)*.

<sup>3</sup> *Idem*.

sucessivos milagres. A construção da capela veio acompanhada dos registros oficiais no Livro do Tombo da Paróquia de Santo Antônio de Guaratinguetá sobre a pesca milagrosa e os primeiros anos de devoção à Virgem, o que ocorreu ainda na década de 1730. Neste momento, não houve uma preocupação em registrar as graças alcançadas por intermédio de Nossa Senhora Aparecida e nem em divulgar tal devoção. O movimento limitou-se em garantir um registro escrito das narrativas sobre o encontro da imagem e os milagres relatados nas duas décadas em que a devoção ocorreu de modo privado.

É necessário destacar também que a devoção à Nossa Senhora Aparecida se desenvolveu como um culto a uma virgem local, a Virgem de Aparecida. Embora a imagem de terracota representasse Nossa Senhora da Conceição, uma representação da Virgem Maria, os devotos entendiam que Aparecida era uma santa ou uma virgem aparecida em terras brasileiras. Nossa Senhora apareceu para socorrer os aflitos, sanar os males e as opressões que sofriam, era a mãe protetora e compadecida dos sertanejos brasileiros.

## **2- Segundo momento: a institucionalização das narrativas e a composição do espaço religioso de Aparecida.**

Entre 1740 e 1850 a devoção à Virgem de Aparecida se desenvolveu de modo orgânico, sem a interferência efetiva de qualquer tipo de autoridade. A população local continuou a promover cultos, orações, cerimônias e festejos em homenagem à Virgem. Nestes eventos, provavelmente, era praticado um catolicismo pouco ortodoxo, no qual percebe-se momentos de oração intercalados com o pagamento de promessas e comemorações e entretenimentos diversos. Havia uma relação de proximidade entre fiéis e a Virgem, vista por muitos como a Mãe de um povo oprimido e sofrido. O crescimento da devoção gerou a atração de pessoas de regiões mais longínquas, as quais visitavam a vila durante romarias que chegavam à região cotidianamente. O grande fluxo de pessoas que visitavam Guaratinguetá teve como consequência o desenvolvimento de um comércio para atender às necessidades dos romeiros.

Somente na segunda metade dos oitocentos, a Igreja, em um contexto de romanização do catolicismo brasileiro, propôs uma nova apropriação da imagem junto a um projeto de aprimoramento das práticas e do espaço religioso em Aparecida. Em 1854 a Igreja colocou em circulação o “Verdadeiro retrato de Nossa Senhora Aparecida”. O retrato foi produzido por dois fotógrafos europeus, Robin e Favreau, portanto é uma leitura externa sobre a devoção brasileira. Ele não representa as aspirações dos devotos

da Virgem. A fotografia apresenta a imagem de Nossa Senhora Aparecida como uma Virgem europeia: pele branca, olhos claros e mãos postas em gesto de oração (SANTOS, 2000). Uma representação bem distante do imaginário popular que reconhecia a imagem como uma virgem mestiça, preta ou morena, aparecida em águas brasileiras, com traços físicos que se aproximavam muito mais da realidade social dos sertanejos brasileiros.



“Verdadeiro retrato de Nossa Senhora Aparecida”, 33 x 22 cm – 1854  
(Imagem recolhida na pesquisa de Lourival dos Santos – 2000).

Junto ao processo de afirmação dessa representação da Virgem a Igreja propôs também uma nova política de exposição de imagem e novas determinações para a prática do catolicismo na Basílica de Aparecida. A alta hierarquia eclesiástica ordenou a supressão de imagens que não se mostravam dignas daquele espaço religioso, como as imagens em papel deixadas pelos devotos na Sala dos Milagres. Foi proposta também uma moralização do espaço sagrado com um maior controle sobre a prática religiosa bem como com o aprimoramento do espaço religioso, por meio de uma reforma da igreja matriz.

Embora tenha sido efetuada tal reforma, a situação de abandono da capela parece ter-se alterado somente com a atuação do cônego Dr. Joaquim do Monte Carmelo nas décadas de 1870 e 1880. Monte Carmelo defendeu uma reforma e ampliação da capela, justificando-as como meios de se conseguir uma melhor acomodação dos fiéis no interior

do templo<sup>4</sup>. A reforma foi concluída no ano de 1888 e veio acompanhada da inserção de novas imagens nesse ambiente sagrado. Monte Carmelo encomendou, na Bahia, 6 imagens de santos para serem colocadas na capela: São Joaquim, São José, Santa Izabel, são João Batista, São Elias e São Bernardo<sup>5</sup>. A introdução de outras imagens sagradas ladeando Nossa Senhora Aparecida pressupõe um esforço do cônego para que os devotos vissem a imagem da virgem como uma referência à figura de Maria. Assim o templo faria alusão não somente à imagem surgida nas águas brasileiras, mas teria um referencial direto à figura da Mulher que é interpretada pelos católicos como a Rainha do céu e a Mãe da Igreja.

A ornamentação da capela, proposta por Carmelo, sugere a pretensão de que os fiéis visualizassem em Aparecida uma imagem de Maria conforme representada no texto bíblico, mas não dissociava a imagem do seu contexto. Ele também fez uso de representações dos milagres da virgem. Rodrigues Pires do Rio relatou a busca de Monte Carmelo por esses elementos: “O Padre Carmelo mandou fazer os quadros dos milagres (seis medalhões na cimalha) por um célebre pintor que veio do Rio de Janeiro”<sup>6</sup>. A atitude de Carmelo buscava inserir o ambiente de Aparecida em uma nova proposta de concepção religiosa e ao mesmo tempo conservava elementos de identificação do povo com a imagem de Aparecida. As ações do cônego Monte Carmelo estavam em conformidade com a nova política da Igreja Católica, buscando um catolicismo mais sacramental, priorizando princípios voltados a um catolicismo de tradição romana em detrimento da tradição luso-brasileira.

Em muitas das visitas que fiz ao santuário de Nossa Senhora Aparecida, as representações dos milagres atribuídos à virgem sempre me despertaram atenção. Os milagres da vela, do jovem que se salvou de um afogamento, do fazendeiro que foi impedido de entrar na Igreja montado a cavalo, do escravo Zacarias estão presentes tanto no ornamento da Basílica Velha quanto nos murais que ladeiam a imagem exposta ao público na Basílica Nova. Eles foram coletados da tradição oral, selecionados e expostos ao público. Este movimento sugere que houve um esforço da Igreja enquanto instituição para acessar as narrativas orais sobre a Virgem de Aparecida e seus milagres e um

---

<sup>4</sup> Constam na reunião de documentos feita por Júlio Brustoloni uma série de abaixo assinados, onde o cônego Joaquim do Monte Carmelo solicita a reforma da capela. (BRUSTOLONI, 1978, p. 170.)

<sup>5</sup> IIº Livro de Atas da Mesa Administrativa, fls. 227. Documento transcrito por Júlio Brustoloni em BRUSTOLONI, 1978.

<sup>6</sup> Depoimento do Coronel Rodrigo Pires do Rio de 5 de janeiro de 1920. In: **ACONTECIMENTOS EXTRAORDINÁRIOS REFERENTES À NOSSA SENHORA APARECIDA – 1743-1872**. Aparecida, SP: Arquivo da Cúria Metropolitana de Aparecida. Fl 84.

segundo movimento de seleção do que seria reforçado e do que seria esquecido na história narrada dentro dos templos religiosos.

Para fazer o processo de seleção das memórias e narrativas que seriam reforçadas pela Igreja e moldá-las aos interesses da instituição, a elite eclesiástica organizou um movimento de registro escrito das histórias que circulavam entre os fiéis. Tal registro resultou em uma obra denominada *Acontecimentos Extraordinários Referentes à Nossa Senhora Aparecida*. O livro foi fruto de uma pesquisa encomendada pela Igreja Católica aos padres Estevam Maria e Ottom Maria Bohm, que tinham por incumbência levantar documentos autênticos sobre a história e acontecimentos extraordinários referentes à imagem de Nossa Senhora Aparecida. Esta obra nunca foi publicada, corresponde a um livro de registros manuscritos no qual consta as narrativas sobre acontecimentos relacionados à Nossa Senhora Aparecida, como a de um garoto que teria caído no rio e sido salvo depois da intercessão da Virgem.

No Porto de Ponte Alta, morava do outro lado do rio Parahyba uma família, cujo chefe tinha por nome Francisco Gonçalves da Silva com seus 80 anos. Era meu pae e eu tinha nesta ocasião 18 annos e minha mãe 50 annos. Meu pae passava na canoa para o outro lado 8 pessoas e entre ellas um dos meus irmãos, Marcelino G. da Silva que apenas contava 10 annos. Faltando 10 metros para chegar no Porto cae n'água o meu irmão. Meu pae confiando na poderosa Virgem da Aparecida tirou somente o chapéu. Deixando as pessoas no Porto, voltou para salvar o seu filho, que já tinha rodado 8 metros. Somente appareciam os cabellos iriçados n'água. Eu e minha mãe estávamos do outro lado e vimos tudo e de joelhos pedimos com tanto fervor a N. S. que ele não perigasse até que meu pae fosse para salvá-o. Graças a N. S. ouviu as nossas rogas, e meu pae chegou em tempo, e o salvou do perigo que o estava esperando. Salvou-o agarrando pelos cabellos e elle não tinha bebido uma gotta sequer d'água. Só ficou um pouco atordoado 3 dias, mas graças a bondosa N. S. elle sarou e morreu com 30 annos como casado.<sup>7</sup>

São muitos os relatos no estilo do acima citado que estão registrados no livro manuscrito. Além do menino afogado, encontram-se também narrativas de um homem que se livrou da voracidade de uma onça, de um jovem cego que voltou a enxergar; de pessoas que se livraram da morte em brigas ou disputas por terras ao solicitar a intercessão da virgem de Aparecida. Todos esses relatos foram recolhidos de supostos testemunhos orais e transcritos. Algumas destas narrativas foram divulgadas em outros documentos escritos, como os Manuais do Devoto, obras destinadas a ordenar o cotidiano dos católicos e transmitir determinados dogmas. Algumas dessas narrativas ganharam forma

---

<sup>7</sup> ACONTECIMENTOS EXTRAORDINÁRIOS REFERENTES À NOSSA SENHORA APARECIDA – 1743-1872. Fl 81.

em desenhos, pinturas, esculturas, enfim, em imagens; algumas deixadas como ex-votos pelos fiéis no santuário da virgem, outras produzidas pela própria Igreja para ornar o interior, primeiro da capela e atualmente do Santuário Nacional. Conforme já foi dito, todo este processo de colher narrativas, registrá-las e transcrevê-las envolveu seleções, silenciamentos e ajustes, para que os relatos fossem adequados ao modelo de catolicismo pretendido pela Igreja na segunda metade do século XIX.

A narrativa da “aparição milagrosa” é uma das mais frequentes nesses textos. Neles a imagem de Aparecida aparece como a de uma Mãe compadecida que acolhe o povo oprimido e pobre, evitando que ele sofra com a opressão do poder despótico e ouvindo as suas súplicas. O milagre da pescaria exalta este caráter de Maria. Ao mesmo tempo, a Igreja reforça a imagem do cristão/devoto desejável: homens simples, dedicados ao trabalho e religiosos. Isto fica evidente na descrição dos três pescadores. Esses três homens, demonstram obediência, crença e fé e justamente por essas características são abençoados com a graça divina.

As histórias registradas ressaltam o amparo ao povo, principalmente aos mais oprimidos, sob o manto protetor de Nossa Senhora Aparecida. Diversas histórias contam os prodígios atribuídos à virgem e permitem perceber a composição de uma imagem benfeitora e humilde frente ao povo, mas que possui também um ideal de justiceira ao punir indivíduos que não agem de acordo com os padrões comportamentais desejáveis em determinadas circunstâncias. No relato dos milagres que teriam ocorrido com uma menina cega e com um fazendeiro é possível notar tal jogo de aparências.

*Gertrudes Vaz morava nos sertões de Jaboticabal. Teve uma menina cega de nascença. (...) A menina sempre dizia a sua mãe que desejava muito ver Nossa Senhora. A mãe lhes dizia que era impossível porque ela era cega e além disso eram muito pobres para empreender tão penosa viagem. (...) O tio deu a sobrinha 10\$000 para a viagem e seguiram. Quando chegaram no alto da Boa Vista a mãe pegando pelo braço da filha, esta suspendeu a cabeça e encherando as torres disse:*

*— Mamãe, aquela será a Capella de Nossa Senhora!*

*A mãe lhe perguntou:*

*— Você já encherá minha filha!*

*— Perfeitamente minha mãe. De repente chegou uma luz que me clareou a vista.*

*Chegaram aqui entraram na Igreja e a menina avistou a santa. Ao avistar N. Senhora a menina disse a sua mãe:*

*— Mamãe, pensava que era uma santa bonita como diz o povo, porém eu não acho e além disso estou vendo uma ‘Neguinha’.*

*Imediatamente ficou tão cega como tinha nascido.*<sup>8</sup>

*Em 1866 houve um fazendeiro em Cuyabá, cujo nome não me recordo. Não acreditava nem em milagres e nem em castigos. Dizia aos caboclos daquelle lugar, que vinham de vez em quanto visitar Nossa Senhora, que aquillo era bobagem e só pertencia a gente ignorante. Dizia também que elle era capaz de entrar a cavallo dentro da Igreja e queria ver o que lhe acontecia. Pensando em fazer isso veio a Aparecida e aqui chegando tentou entrar a cavallo dentro da Igreja. Nessa ocasião, as ferraduras do cavallo cravaram na pedra não podendo erguer as patas, para dar siquer um passo. Reconhecendo elle, aquilo como um grande castigo, desce do cavallo entra na Igreja de mãos postas e em fervorosas preces pede a Nossa Senhora que lhe perdoasse. Desde esse dia tornou-se um verdadeiro devoto de Nossa Senhora crendo em seus milagres e em seu grande poder.*<sup>9</sup>

As narrativas permitem duas interpretações distintas: de um lado, a busca de uma moralização pelo temor e de outro a percepção de um povo protegido pela virgem. O primeiro discurso apresenta uma condenação para a garota, baseada no julgamento pejorativo feito por ela da imagem; era feia porque era uma “neguinha”. As palavras soam como uma ofensa ao que representa a imagem e então vem a condenação. Já o fazendeiro duvida do poder representado e procura afrontá-lo. Ele não consegue concretizar o seu objetivo de entrar na igreja montado em seu cavalo e termina curvado diante da imagem, reconhecendo o seu poder. Em ambos os casos há a ideia de que a afronta e a ofensa ao poder que a imagem representa causam consequências graves. Assim esses discursos funcionam quase como um código de conduta para a apresentação diante da virgem, em que o respeito incondicional parece ser a palavra de ordem. Na segunda via interpretativa, a primeira narrativa deixa margem para se pensar que à menina não foi dado o dom da visão porque assim que ela se livrou de seu mal, a cegueira, olhou para a sociedade em que vivia de modo pejorativo. Aqui abre-se margem para pensar em uma crítica à sociedade preconceituosa da época e ao mesmo tempo em uma afirmação do caráter humilde desta figura de Maria, pois a atitude da filha de Gertrudes desvalorizava não só a imagem em questão, mas boa parte do povo de origem mestiça em torno do qual girava a história da virgem. Já o fazendeiro duvida do poder representado pela imagem e zomba daqueles que acreditam em sua história e seus milagres, julgando-os ignorantes. Assim como a garota, ele sofreu as consequências de um julgamento indevido. Nesses dois

---

<sup>8</sup> **ACONTECIMENTOS EXTRAORDINÁRIOS REFERENTES À NOSSA SENHORA APARECIDA – 1743-1872.** Fls 74 e 75.

<sup>9</sup> *Idem.* Fl 76.

casos, além de lições de respeito ao símbolo sagrado, as histórias dos milagres deixam transparecer também a imagem de uma Mãe compadecida que protege seu povo.

Dos poucos relatos sobre escravos encontrados, a história do escravo Zacarias é a mais corriqueira entre os devotos e está visualmente exposta em imagem e monumento para quem visita o Santuário de Aparecida. A narrativa sugere uma relação entre a imagem de Aparecida e a luta contra a opressão dos escravos no Brasil. Afirma a Igreja, por meio da exposição de uma corrente partida no museu do Santuário e por meio de imagens reproduzidas na cidade de Aparecida, que, na década de 1880, a Virgem partiu as corretes que prendiam o escravo Zacarias. Ele teria sido capturado depois de ter fugido da propriedade de seu dono e, no caminho de retorno, teria orado diante da imagem, quando as correntes que o prendiam caíram ao chão. Essa narrativa, colocada em circulação, reforçou a interpretação de Nossa Senhora Aparecida como uma Virgem compadecida dos oprimidos. Afirmando que ao receber as súplicas dos desesperados ela tende a atendê-los e interceder por eles.

Anos mais tarde, em 1904, já no contexto republicano, outra associação muito importante foi feita. Nossa Senhora Aparecida foi coroada Rainha do Brasil com uma coroa que supostamente teria sido doada pela princesa Isabel. A associação de Aparecida com a Princesa Isabel é muito sugestiva. Isabel era a sucessora do trono real em 1888, quando ela assinou a Lei Áurea. No período, divulgava-se a sua imagem como a e de uma princesa redentora dos escravos. Ao se propor a coroação de Nossa Senhora Aparecida com uma coroa que supostamente foi doada pela sucessora do trono real e que libertou os escravos, estabeleceu-se um jogo imagético que ajudou a ampliar a representação da Nossa Senhora brasileira como uma Virgem que está ao lado dos pobres para protegê-los contra a ganância e a prepotência dos imponderados. Pela narrativa proposta, pode-se inferir que ao doar a coroa, a Princesa transmitiu a Aparecida parte do seu capital simbólico, e ao fazer uso dessa narrativa a Igreja intencionava reforçar a imagem de Nossa Senhora Aparecida como a Mãe Compadecida do povo brasileiro, ao mesmo tempo em que afirmava, já em 1904, durante a República, a Virgem como um símbolo da nação brasileira.

### **Conclusão:**

Nas páginas anteriores esforcei-me em fazer uma análise dos principais momentos de afirmação da imagem de Nossa Senhora Aparecida, destacando duas fases distintas de um único processo: uma marcada pela tradição oral e outra pela tradição escrita. No

primeiro momento, a devoção à virgem Aparecida desenvolveu-se de maneira espontânea, sem a interferência de uma estrutura de poder, permitindo a proliferação de narrativas pouco ortodoxas relacionadas aos milagres atribuídos à Nossa Senhora. A devoção à imagem e as romarias à Vila de Guaratinguetá se proliferaram em função destas narrativas e não de uma ação efetiva da Igreja. A segunda fase está relacionada a uma atuação direta da Igreja, objetivando o controle do espaço religioso e a moralização das manifestações de fé observadas neste espaço.

O campo religioso que se constituiu a partir destes movimentos é o resultado de um movimento de rememoração, envolvendo tanto a lembrança quanto o esquecimento. A Igreja ouviu as tradições orais, as registrou e fez um processo de seleção, objetivando ressaltar aquelas que se adequavam aos interesses da instituição ou que eram mais comuns entre os devotos. A própria imagem de Aparecida passou por um processo de construção ou de ajustamento. Nasceu como uma virgem preta, foi divulgada como uma virgem branca e se afirmou como uma virgem mestiça, cor de caramelo. Frente ao exposto, é possível concluir que, na composição deste cenário religioso, houve um processo de consciente de negociação, permitindo a permanência de determinadas narrativas, desde que fossem moralizadas ou passassem pelo crivo da Igreja. A imagem de Nossa Senhora Aparecida que emergiu deste processo atendeu tanto aos anseios da Igreja Católica quanto às necessidades e expectativas dos devotos.

#### **Referências bibliográficas:**

**ACONTECIMENTOS EXTRAORDINÁRIOS REFERENTES À NOSSA SENHORA APARECIDA.** Aparecida – 1743 – 1872. Aparecida, SP: Cúria Metropolitana de Aparecida.

**ANOTAÇÕES E ACONTECIMENTOS – 1719 – 1950.** Aparecida, SP: Arquivo da Cúria Metropolitana de Aparecida.

**AUTOS DE EREÇÃO E BENÇÃO DA CAPELA DE NOSSA SENHORA APARECIDA (1743 – 1745). ---- AUTOS DA EREÇÃO E APROVAÇÃO DO COMPROMISSO DA IRMANDADE DE NOSSA SENHORA APARECIDA (1752 – 1756).** Aparecida, SP: Arquivo da Cúria Metropolitana de Aparecida.

**BRUSTOLONI, J.. Coletânea de documentos e crônicas da capela de Nossa Senhora Aparecida (1717 – 1917).** Aparecida: Arquivo da Cúria Metropolitana de Aparecida, 1978.

\_\_\_\_\_. **História de Nossa Senhora da Conceição Aparecida: a Imagem, os Santuário e as Romarias.** Aparecida, SP: Editora Santuário, 1998.

GASBARRO, Nicola. Il monoteísmo e il fondamentalismo del pensiero. In: MARANHÃO FILHO, Eduardo Meinberg de Albuquerque (Org.). *Religiões e Religiosidades em (con)textos*: Conferência e mesa do Simpósio Sudeste da ABHR / Simpósio Internacional da ABHR: diversidades e (in)tolerâncias religiosas. São Paulo: Fonte Editorial, 2013.

GINZBURG, Carlo. **Os Andarilhos do Bem**: feitiçarias e cultos agrários nos séculos XVI e XVII. São Paulo: Companhia das Letras, 1988.

\_\_\_\_\_. **O queijo e os vermes**: o cotidiano e as ideias de um moleiro perseguido pela Inquisição. São Paulo: Companhia das Letras, 2006.

GRUZINSKI, Serge. **A Guerra de Imagens**: se Cristóvão Colombo a Blade Runner (1492-2019). São Paulo: Companhia das Letras, 2006.

\_\_\_\_\_. **O Pensamento Mestiço**. São Paulo: Companhia das Letras, 2001.

**LIVRO DO TOMBO DA PARÓQUIA DE SANTO ANTÔNIO DE GUARATINGUETÁ – 1757 -1873**. Aparecida, SP: Arquivo da Cúria Metropolitana de Aparecida.

PETERS, José Leandro. A História das Religiões no contexto da História Cultural. IN: **Faces de Clio**. Vol. 01, nº 01. Juiz de Fora: UFJF, Janeiro – junho / 2015. Pp. 87 – 104.

\_\_\_\_\_. **A Mãe Compadecida do povo brasileiro**: Nossa Senhora Aparecida no discurso da Igreja Católica no Brasil (1854-1904). Curitiba: Editora Prismas, 2015.

RESENDE, Maria Efigênia Lage de; VILLALTA, Luiz Carlos (orgs.). **História de Minas Gerais**: As Minas Setecentistas. Vol. 2. Belo Horizonte: Autêntica, Companhia do Tempo, 2007.

RICCEUR, Paul. **A memória, a história, o esquecimento**. Campinas, SP: Editora da Unicamp, 2007.

SANTOS, Lourival dos. **A família Jesus e a Mãe Aparecida**: História Oral de devotos negros da Padroeira do Brasil (1951-2005). (Tese de Doutorado). São Paulo: USP, 2005.

\_\_\_\_\_. **Igreja, Nacionalismo e Devoção Popular**: as estampas de Nossa Senhora Aparecida – 1854-1978. (Dissertação de Mestrado). São Paulo: Universidade de São Paulo, 2000.

SOUZA, Juliana Beatriz Almeida de. **A Identidade Posta no Altar**: devoção a Nossa Senhora da Conceição Aparecida e Questão Nacional. (Dissertação de Mestrado). Universidade Federal Fluminense. 1996.

\_\_\_\_\_. Uma Rainha para a República: a sagração de Nossa Senhora Aparecida como padroeira do Brasil, em 1931, foi o ponto alto de uma história que se inicia no séc. XVIII e envolve mistério, fé e política. **Nossa História**. Ano I, Número 12, outubro de 2004.

\_\_\_\_\_. Virgem mestiça: devoção à Nossa Senhora na colonização do Novo Mundo. **Tempo – Revista do Departamento de História da UFF**, Rio de Janeiro, V. 6, N. 11, PP 77- 92, 2001. P. 81

AZZI, Riolando. **O Altar Unido ao Trono**: um projeto conservador. (História do pensamento católico no Brasil – III). São Paulo: Edições Paulinas, 1992.